

# AMÉRICA DO SUL: VOCAÇÃO GEOPOLÍTICA

“AMERIKA, DU HAST ES BESSER ALS UNSER KONTINENT, DAS ALTE!”

GOETHE

*Therezinha de Castro(\*)*

“América, tua sorte é melhor que a do nosso velho continente!”

## 1. Introdução

Bem mais caracterizada como Ibero-América do que latina, contrastando com o setor anglo-saxônico, cortada pelo equador e trópico de capricórnio, a posição geográfica da América do Sul lhe confere, grosso modo, a categoria de continente do hemisfério sul.

Com forma triangular, o setor mais largo do continente se concentra na zona equatorial terrestre; estreitando-se ao atingir a faixa temperada para afunilar-se no vértice meridional na frente sub-antártica polar. Advindo desta posição geográfica encontram-se nos dois extremos do continente áreas pouco favoráveis ao estabelecimento humano: o norte quente e chuvoso e o sul frio e estéril.

Contraste que se equilibra no setor das baixas latitudes, onde a população para evitar as temperaturas mais quentes, notadamente dos países banhados pelo Pacífico deu preferência às zonas andinas. Em contrapartida, os países banhados pelo Atlântico pondo em contacto a América do Norte/Europa/África têm seus principais centros demográficos no litoral, fazendo do Brasil, o mais populoso do conjunto. Tal fato vai gerar a oposição entre as duas vertentes oceânicas.

- a do Pacífico, “mar solitário”, de navegação extensiva, com feixes de circulação bem mais regional;
- a do Atlântico de navegação intensiva com feixe de circulação intercontinental.

Quer pela oposição das duas vertentes oceânicas, quer pela existência das zonas repulsivas, implantaram-se áreas geopolíticas neutras que por sua posição no hinterland predisuseram os países sul-americanos a uma dissociação econômica e psicossocial, vivendo de costas uns para os outros.

## 2. Ocupação

Contribuiria também para o *dualismo geopolítico sul-americano* o *Tratado de Tordezilhas* (1494) seccionando, como fronteira esboçada as duas grandes vias de penetração continental:

- entregando a *foz do Prata* aos espanhóis, proporcionou-lhes maiores oportunidades para a expansão pelos *Pampas e Chaco*;

- concedendo a *embocadura do Amazonas* aos portugueses, coincidentemente o seu setor sul, o melhor braço para a navegação, permitiu que os lusos se apossassem daquela *planície setentrional*.

Facilitada a penetração espanhola ao sul e a portuguesa ao norte, o continente sul-americano foi induzido, embora indireta-mente, a uma *bipartição aproximada*: 8.500.000km<sup>2</sup> para os portugueses e 9.300.000km<sup>2</sup> para os espanhóis. Caberia aos Andes e federalismo castelhano impor o *cantonalismo geopolítico* à América Espanhola gerando-lhe *vários núcleos geohistóricos* dividindo-a, posteriormente em várias repúblicas. Por outro lado o relevo mais baixo e centralização do Reino Português confirmariam o *unilateralismo* do Brasil com *um único núcleo geohistórico*. O *fator fisiopolítico* justifica, a superioridade territorial do Brasil no conjunto sul-americano, já que a Argentina que o segue em área, atinge apenas a terça parte da superfície brasileira.

O espaço português posicionado em longa faixa atlântica, mais próxima da África e Europa contou com a vantagem dentro do contexto econômico, colocando o Brasil em maior contacto com Portugal; dentro do enfoque geoestratégico iria se caracterizar como centro de assaltos e tentativas de fixação por parte de elementos estrangeiros. Do outro lado, no setor do Pacífico, embora contando com a desvantagem geoeconômica da distância para com a metrópole, face ao isolamento, ficavam os espanhóis menos expostos aos invasores.

A conquista desordenada e tendência a continentalidade exporia mais a metrópole espanhola com vasta área de disputa na América com outros vizinhos colonizados. Assim a zona de disputa iria se estender desde a América do Norte até a do Sul.

### 3. Fisiopolítica

Sabendo-se que as massas continentais se distribuem no Hemisfério Norte formando um grupamento em semi-círculo centrado no Polo Norte, a América do Sul se posiciona no Hemisfério Meridional ou Marítimo no qual a Antártica se constitui no território mais considerável da metade inferior do Planeta.

A América do Norte se orienta mais para o quadrante oeste, enquanto a América do Sul oferece exemplo típico de desvio continental para o leste; assim, o meridiano de Lima, cidade na esfera do Pacífico-Sul passa por Washington na dependência do Atlântico-Norte. Esse entorse continental caracteriza a América Meridional como América do Leste criando a zona de estrangulamento do Atlântico, levando Recife a distar somente 18 graus de longitude de Dakar e 10 graus de Cabo Verde, a terra mais ocidental da África.

Considerando-se o meridiano de zero graus de Greenwich toda a massa continental americana se concentra no Hemisfério Oeste ou Ocidental entre os 36 graus do Cabo Branco no Nordeste brasileiro aos 160 graus do Cabo Príncipe de Gales na Alaska. Nesse posicionamento observa-se que a América do Sul está bem mais isolada pelo Oceano Pacífico encontrando-se a grande distância da Austrália, que com ela se defronta numa linha leste-oeste, no setor do chamado Crescente Externo Insular.

Envolvendo-se em duas vertentes oceânicas, o continente sul-americano caracteriza-se por duas zonas longitudinais:

- primeira é formada pelos Andes cadeia de montanha prolongando-se de norte para sul por mais de 7.000km, formando verdadeira barreira ao longo do Oceano Pacífico levando a América do Sul a voltar-se bem mais para o Atlântico em seu “destino manifesto”;
- a segunda é constituída por três planícies, Orenoco, Amazônica e Platina e três planaltos, Guianas, Central ou Brasileiro e Patagônia que se intercalam e são estruturalmente partícipes do Atlântico.

Nos Andes, o sistema de transfusão entre as duas vertentes oceânicas se encontra nos passos e nós.

Os passos, passagens naturais nos colos das montanhas, possibilitam o contato entre as duas

vertentes. Esses acidentes geográficos andinos mais importantes estão no sul: o de Upasllata entre a Argentina/Chile é aproveitado pela única transcontinental do continente entre Buenos Aires/Valparaíso; o de Santa Rosa leva o sistema ferroviário boliviano até Árica no Chile. Enquanto Upasllata une as duas vertentes oceânicas o de Santa Rosa só o fará quando se complementar o trecho Santa Cruz de la Sierra já conectada com Santos no Atlântico e Cochabamba.

Os nós ou “nudos” apresentam-se sob a forma de planaltos circundando um alto pico; enfeixando várias ramificações andinas são centro de dispersão de águas em linhas de menor resistência do terreno, acima dos 3.000 metros de altitude entre 5° e 15° de latitude sul. A importância funcional desses acidentes geográficos relacionados ao Atlântico se concentra na posição que ocupam no anfiteatro amazônico. O nó de Pasto na Colômbia e o de Loja no Equador se direcionam para os vales do Putumaio e Marañon respectivamente aguardando vias hidrográficas de acesso ao Atlântico ainda por se desenvolverem. Já o nó de Cerro de Pasco no Peru se divide entre os vales amazônicos do Marañon e Purus; enquanto que o de Vilcanota ou de Cuzco prolonga o de Pasco na direção do Madeira.

A Bacia Amazônica se constitui numa sub-região de conexão entre duas áreas de importância geoestratégica - a do Caribe e a do altiplano boliviano, considerando este último uma espécie de “heartland” do continente. Em consequência, quando melhor aproveitada, a Bacia Amazônica, com a integração, poderá se transformar em polo de atração de zona repulsiva; na oportunidade, essas aberturas andinas levarão para o Atlântico riquezas potenciais de zonas geopolíticas neutras do continente.

As planícies Amazônica, do Orenoco e Platina são servidas por redes hidrográficas que levam a América do Sul em seu “destino manifesto” a se voltarem para o Atlântico do qual são tributárias.

Buscam também o Atlântico, declinando para ele, os planaltos das Guianas e da Patagônia. Já o Planalto Brasileiro pende para o interior, buscando ainda o norte e o sul. Por sua disposição esse planalto demonstra vocação continental de enlace entre as bacias Amazônica e Platina.

Por sua posição e configuração, envolvendo o centro geográfico do continente em área geopolítica neutra, o Planalto Brasileiro favoreceu a penetração para o oeste, permitindo que os portugueses, detentores de núcleo geohistórico a beira do Atlântico, conquistassem vasto hinterland da América do Sul.

Dentro, pois, do enfoque fisiopolítico podemos concluir que:

- unidade andina contribuiu, de início, para a implantação de um único estabelecimento colonial - o espanhol, estendendo-se de norte para o sul, na vertente isolada do Pacífico;
- a variedade na vertente mais disputada do Atlântico favoreceu a implantação de vários estabelecimentos coloniais - o espanhol, o português, o inglês, o holandês e o francês;
- no setor dependente do Pacífico sem nenhuma grande bacia hidrográfica, com litoral pobre em articulações em grande parte desvinculado do interior, quer pelos nós e passos projeta-se bem mais para forte associação com o Atlântico;
- a vocação geopolítica de atração do Atlântico se liga à presença de importantes bacias hidrográficas, associadas às articulações litorâneas onde o relevo mais baixo favorece intensa vinculação com o hinterland.

#### **4. Partilha Política**

Embora a fisiografia não se apresente tendente a uma unificação política, vemos também que não impõe a desagregação.

Com uma superfície de cerca de 18.300.000km<sup>2</sup> o continente sul-americano apresenta grande número de paisagens nas quais o traçado das fronteiras políticas faz com que a população da América do Sul viva, em parte, divorciada de sua vocação geopolítica.

Em função da linha de Tordezilhas, fronteira esboçada de 1494, o território espanhol, voltado

para o Pacífico possuía trechos no Atlântico, onde os 2.800.000km<sup>2</sup> dos portugueses concentravam a melhor e mais bem posicionada parcela. Fronteira esboçada que segundo Everardo Backheuser era bem mais uma antefronteira (fronteira antes de ser), e que nos primeiros anos da colonização eram arbitrárias contribuindo para que fossem elaborados mapas inexatos e incompletos.

No entanto, essa fronteira esboçada iria, por coincidência, refletir o posicionamento das metrópoles na Península Ibérica; aí a Espanha voltada para o Mediterrâneo possuía nesgas litorâneas no Atlântico onde o retângulo territorial ocupado por Portugal concentrava a melhor parcela.

Dentro do contexto fisiopolítico a ocupação do continente sul-americano refletiria, grosso modo, o posicionamento da Espanha/Portugal na Península Ibérica. Na Europa haviam os portugueses se instalado em áreas de altitudes mais baixas, ficando os espanhóis com os territórios mais elevados da meseta. Na América do Sul, a divisão acordada em 1494 dotava os portugueses de setor litorâneo menos elevado, ficando os espanhóis com os mais altos.

Com a progressiva ocupação da América do Sul, a divisão política colonial refletiria contingências geohistóricas da Península Ibérica. No espaço espanhol, a descentralização refletia uma Espanha geopoliticamente constituída por Confederação de Reinos comandados por Castela a quem coube expulsar de vez os árabes de Granada em 1492. Por isso, 8 cidades da América Hispânica passavam logo a ter função de comando, transformadas em Audiências. No setor português a centralização era herança do Reino de Portugal sem conhecer o esfacelamento feudal e que já no século XII se unificara expulsando os árabes. Em consequência, num nítido contraste com a América Espanhola só duas cidades, cada qual da sua vez, funcionaram como capital-Salvador de 1549 até 1763 e Rio de Janeiro – refletindo a tendência geopolítica portuguesa de Guimarães e Lisboa. Tanto em Portugal quanto no Brasil, esses centros urbanos se posicionavam nos respectivos núcleos geohistóricos desses países.

Podemos também observar que a divisão colonial da América Hispânica iria, na época, refletir as contingências geoeconômicas e geoestratégicas do continente.

- No Vice-Reinado do Peru se concentrava toda a economia mineira. Além de zona de passagem das riquezas peruanas predominava a atividade agrícola no Vice Reinado de Nova Granada. Criado por imperativos defensivos para impedir a posse da área pelos portugueses o Vice Reinado do Prata surgido em 1763 se concentrava na pecuária.
- Por imposição geoestratégica surgiram as Capitânicas Gerais. A da Venezuela para barrar o avanço estrangeiro com foco nas Guianas e pôr um termo no contrabando feito por piratas e flibusteiros no Caribe. A do Chile, em função do isolamento da área posicionada em ângulo morto do Pacífico Sul, na praticamente abandonada rota do Estreito de Magalhães.

A vocação atlântica da América do Sul levaria o setor hispânico a manter-se com áreas dependentes dessa vertente:

- os Vice Reinados do Peru e de Nova Granada voltados para o Atlântico Norte via Istmo do Panamá;
- isolados e de costas um para o outro, o Vice Reinado do Prata no ângulo terminal do Atlântico e a Capitania Geral do Chile desejosa de uma saída por essa vertente, quer pela Patagônia ou pelos Estreitos no sul do continente.

Já o Estado do Brasil associado ao Reino Unido de Portugal e Algarve, uno tanto política quanto economicamente manteve sua vocação atlântica já que em seu núcleo geohistórico se estabeleceram todos os seus ciclos econômicos.

O ciclo da cana-de-açúcar posicionava o nosso Nordeste como ecúmeno estatal, mantendo a capital em Salvador. Com o ciclo da mineração, no momento em que se intensificava a tensão na foz do Prata com os espanhóis, a capital era transferida para o Rio de Janeiro. Observando-se que os três ciclos iniciais de nossa vida econômica, se aos da cana-de-açúcar e mineração associarmos o de característica recoleitora que foi o do pau-brasil, se desenvolveram na mais estreita dependência do Atlântico.

co. Toda comunicação entre as Capitânicas Hereditárias só podia ser efetuada pelo mar e, até mesmo as Entradas, expedições oficiais para o interior, eram proibidas além da linha de Tordesilhas.

Em 1580 unindo-se as Monarquias Ibéricas desaparecia essa fronteira esboçada, iniciando-se, com as Bandeiras, devidamente legalizadas pelo Governo de Madrid, a penetração para o hinterland. impunha-se a vocação continental castelhana com capital interiorizada em oposição a maritimidade de Lisboa.

Herdava também o Brasil os inimigos europeus da Espanha hegemônica - holandeses, ingleses e franceses. Destacando-se então a Bandeira de Antônio Raposo Tavares (1628-48), que enlaçou pelo interior as Bacias do Prata e Amazônica e a de Pedro Teixeira (1637-39), que, face o perigo de invasores estrangeiros instalados na região guianense, penetrou na Amazônia.

Por outro lado a união ibérica impunha ao Estado do Brasil a descentralização com a criação do Estado do Grão Pará e Maranhão comandado provisoriamente por S. Luís e depois defendido pela fortificada cidade de Belém. A junção seria automática com a elevação do Brasil a Reino Unido ao de Portugal e Algarve em 1816.

Em se tratando da partilha política da América do Sul se impõem os fenômenos da conjunção e disjunção:

- a coesão foi mais forte no setor atlântico ocupado em sua maior parte pelo Brasil, dentro do princípio de que a montanha produz o fenômeno cantonalista, enquanto vales e planícies unem;
- a descentralização imposta pelas 8 Audiências faria surgir as 8 Repúblicas de língua espanhola, criando entre si fronteiras políticas que anularam o conjunto geohistórico.

## **5. Regiões Naturais**

No século XIX, criadas as várias unidades geopolíticas independentes das metrópoles, as circunstâncias locais conseguiram imprimir caráter determinante a espaços geográficos sul-americanos. Nessas condições adotando a classificação de Levi Marrero, distinguimos 4 regiões naturais integradas ao conjunto continental.

### **5.1. A Região do Caribe**

Aí os Andes envolvem dois países - a Colômbia e Venezuela bifurcando-se em vários ramos a partir do Nó de Pasto, para terminarem circundando o Golfo ou Lago de Maracaibo, o maior da América do Sul (13.000km<sup>2</sup>) em zona de potencial petrolífero. Aí divergem a Colômbia/Venezuela em questão de fronteira por não terem chegado a um consenso sobre a divisão do mar territorial.

Além da cordilheira, estendem-se os llanos, terras baixas pertencentes à Bacia do Orenoco. E a geografia llanera que vai distinguir geopoliticamente a Venezuela da Colômbia. Nessa zona plana transandina localizaram-se logo as maiores densidades populacionais e núcleos produtivos da fase colonial venezuelana; contrastando com a Colômbia onde a ocupação se mantém nos Andes na “estrela fluvial” onde se encaixaram em profundas gargantas as Bacias do Atrato e Madalena/Cauca.

Isoladas do centro mineiro andino, as populações llaneras passaram a viver mais em função do Mar das Antilhas, mantendo intenso contrabando com invasores estrangeiros. Daí a região haver sido transformada na Capitania Geral da Venezuela, separada do Vice-Reinado de Nova Granada, para ficar sob maior controle de Castela no século XVIII.

Atualmente, o ecúmeno estatal venezuelano comandado por Caracas e secundado por Cumaná, Barcelona e Maracaibo se caracteriza por seu tráfico mais intenso voltado para o exterior e estreita dependência com o núcleo geohistórico do Orenoco/Caribe.

Contrasta, pois com a Colômbia caracterizada por uma dualidade fisiopolítica. Mais da metade do território colombiano é formado por planícies envolvidas nas Bacias do Orenoco e Amazônica, onde se concentra a sua área geopolítica neutra. O ecúmeno estatal colombiano comandado por

Bogotá encontra-se em zona andina.

Único país bioceânico da América do Sul, o porto de Buenaventura no Pacífico não exerce o papel preponderante de Cartagena/Barranquilla no Caribe. Assim, tanto a Colômbia como a Venezuela estão bem mais voltadas para o Caribe, mar formado pelo Atlântico, contrastando com a Região Andina propriamente dita (Equador/Peru/Chile), inteiramente dependente do Pacífico.

Ocupando uma área de 948.000km<sup>2</sup> a Bacia do Orenoco é fechada pelos Andes e Planalto das Guianas. Geopoliticamente antagônico, o Orenoco se constitui, ao mesmo tempo, na artéria em cujos braços se unificou e se divide o espaço político venezuelano. É que o seu sul se constitui em vasta área geopolítica neutra, visto que, curiosamente as nascentes desse rio só foram descobertas em 1951.

Se sob o ponto de vista fisiopolítico o solo llanero facilitou a penetração espanhola, a irregularidade do relevo planaltino das Guianas dificultou-a favorecendo as invasões holandesa, inglesa e francesa que acabaram por formar “quistos geopolíticos” nessa cunha isolada do continente, voltada para o Caribe.

Guiana em dialeto indígena significa - “costa selvagem, país das águas”. Assim, o litoral guianense é baixo e pantanoso, sem grandes rios que favoreçam a penetração. Por outro lado, a homogeneidade estrutural do planalto é notória como é também característico o seu isolamento geográfico em face do Atlântico/Bacia do Orenoco/Bacia Amazônica, justificando a sobrevivência geopolítica da Guiana colonizada pelos ingleses, do Suriname pelos holandeses e da Guiana Francesa, um Departamento de Ultramar francês. O que impediu, por outro lado, que a América do Sul viesse a se constituir numa Ibero América.

## **5.2. Região do Pacífico**

Ainda bem digitados, os Andes percorrendo o Equador e Peru, já se caracterizam por uma comunicação mais facilitada em função dos Nós de Pasto, Loja, Cerro Pasco e Vilcanota.

Até 2 graus de latitude sul a região andina equatoriana se assemelha à da Colômbia meridional; daí haverem os espanhóis reunido essas áreas no Vice Reinado de Nova Granada. Aí a passagem andina foi denominada por Humboldt como “avenida dos vulcões”. Linha vulcânica que só vai ressurgir aos 14 graus de latitude sul com o vulcão peruano Misti nas imediações de Arequipa, continuando na direção da Bolívia, Chile e Argentina.

Zona de violentos terremotos, pontilhada por cerca de 60 vulcões extintos ou em plena atividade, as altitudes vão se elevando do Equador para o Peru e, na fronteira entre esses dois países forma uma zona de tensão lindeira, conhecida como a Questão de Côndor.

A semelhança do que ocorre na Venezuela/Colômbia as áreas interiorizadas que se seguem aos Andes vão baixando até se transformarem em planícies. São as Yungas integrantes da Bacia Amazônica, cobertas por selvas equatoriais frondosas, bem regadas pelas chuvas que na Bolívia já recebem o nome de Florestas.

A Yunga/Floresta desde a Colômbia, passando pelo Equador/Peru para atingir a Bolívia, fazendo fronteira com o Brasil, caracteriza-se, grosso modo, como área geopolítica neutra; com presença das fronteiras-faixa, ou seja despovoadas destaca que os países sul-americanos se encontram aí de costas uns para os outros, transformando em pouco ativo o Pacto Amazônico.

Desde a Colômbia até a Bolívia, incluindo-se o Equador/Peru, as maiores densidades demográficas se concentram no setor andino, onde se interpenetram os núcleos geohistóricos e ecúmenos estatais dos quatro países.

A depressão longitudinal costeira do Equador é melhor ocupada que a Yunga, sobretudo no delta do Guayas, planície aluvial baixa, estrangulada na altura de Guayaquil, porto que monopoliza o comércio, concorrendo geopoliticamente com Quito a 2.480 metros de altitude.

Essas cidades se completam nas duas províncias básicas do Equador Pichincha/Guayas, conectadas

por corredor interior estreito. Guayaquil a costa e Quito a serra fazem, com o porto de Las Esmeraldas, de melhor posicionamento com relação ao Canal do Panamá e conseqüentemente na via Atlântico, o ativo triângulo geopolítico do país.

Assim, podemos dizer que a costa equatoriana contrasta com a pobreza da linha desértica marítima peruana. A vida aí se concentra nos oásis petrolíferos que se estendem de Guayaquil até a Ponta Paita.

Enquanto Quito se acantonou na cordilheira, Lima, a capital do Peru sofre maior atração do Pacífico sem se envolver nele diretamente. Isto porque a “porta de saída” da capital peruana é Callao a 120 km de Lima.

No Chile, os Andes formam duas cadeias paralelas, facilmente cruzadas nos passos das secções central e setentrional. Passagens naturais nos colos das montanhas, esses passos sempre salvaguardavam os interesses do Chile pelo Atlântico, sobretudo o Passo de Upasllata aproveitado pela transcontinental Buenos Aires/Santiago/Valparaiso.

No estreito território chileno entre os Andes/Pacífico os cursos d’água são numerosos, mas não permanentes, ocasionando inundações no período das chuvas. Mas é entre as cadeias paralelas de montanhas que se estende o deserto ou puña com destaque para a do Atacama, desprovida de qualquer tipo de vegetação. Paisagem desértica onde a economia se liga aos salitrais.

Embora o Aconcágua, ponto mais alto do continente sul-americano com seus 7.000 metros, se situe no setor meridional dos Andes, a partir dos 40 graus de latitude sul, as montanhas que se reparam entre Chile/Argentina vão perdendo em altitude e se povoando de lagos glaciares entre os quais o Buenos Aires, Viedma e Argentino onde só em 1996 se resolveram pendências fronteiriças.

Na Terra do Fogo a zona montanhosa submerge para formar os arquipélagos antárticos. Nesse setor estendendo-se para a Antártica o Chile/Argentina emitiram Decretos reivindicando áreas polares que se justapoem com as da Inglaterra, cuja partilha o Tratado de Washington de 1960 vem protelando.

No entanto, no setor terminal sul do continente o Chile conseguiu envolver-se no Atlântico através do Canal de Beagle, obtendo por arbitramento as Ilhas Nueva, Lenox e Picton.

Observando-se que a disposição vertical dos Andes contribuiu para a ocupação humana em sentido norte-sul, onde Santiago, a capital, posicionada no vale longitudinal do Rio Mapocho busca o Pacífico. Esse oceano banha a fachada do país prolongada por cerca de 40 graus geográficos entre os paralelos de 18 graus e 56 graus de latitude sul. O Chile é, pois, uma franja oceânica com largura variando dos 100 aos 350km, só alcançando sua maior extensão na Terra do Fogo onde tem 460km.

### **5.3. Região Interior**

Os Andes são mais compactos, largos ao sul do Nó de Vilcanota envolvendo o Peru meridional e a Bolívia, atingindo 600 km na altura do paralelo de 18 graus de latitude sul. Trata-se, pois, de um autêntico altiplano, o denominado “Pamir da América do Sul”, com 830 km de norte para sul e 120km de leste para oeste. Neste altiplano a febre da mineração deteve os espanhóis que deixaram de levar em conta a fisiopolítica. Assim parte do altiplano ficava geopoliticamente ligado ao Vice Reinado do Peru, enquanto a parte meridional, embora sem se integrar iria girar na órbita do Vice Reinado do Prata.

Caracterizando-se por um sistema hidrográfico fechado, destaca-se no Altiplano Boliviano o Titicaca, o lago mais alto do mundo (3.850 metros); considerado também como uma das massas d’água doce mais extensas da Terra (6.900km<sup>2</sup>) verte suas águas para o salobro Lago Poopo.

Estão nesse altiplano as nascentes de tributários da Bacia Amazônica que, na planície interiorizada da Bolívia, drenam sua área geopolítica neutra que contrasta com o setor andino onde está o ecúmeno estatal no eixo La Paz-Sucre.

Localizada no nó mais estratégico das vias de comunicação, conservou La Paz a categoria de

capital por se encontrar no Departamento do mesmo nome, o mais próximo do Oceano Pacífico, onde a Bolívia mantém com o Chile uma zona de tensão. Não se conforma o governo boliviano de haver perdido, em 1833, a sua saída marítima; finda a Guerra do Pacífico, pelo Tratado de Ancón o Chile ficou com Tacna e Árica pertencentes ao Peru e Antofagasta, o litoral boliviano. Considerada como uma das áreas mais cruciais do continente, a devolução desse território litorâneo é, sem dúvida, a bandeira nacionalista dos políticos bolivianos acenada em tempos de crise.

Mais baixa que La Paz (3.600 metros), Sucre (2.850 metros) é o 4º nome que teve esse núcleo urbano boliviano. Os índios dão-lhe o nome de Charcas, região que se atolava por se encontrar no “divortium aquarium” dos sistemas fluviais Platino/Amazônico. Era também conhecida como Chuquisaca quando os espanhóis descobrindo a prata deram-lhe o nome de La Plata. Antes de tomar o nome de Sucre, em homenagem a Antonio José de Sucre, o fundador da República, foi como Audiência de Charcas, desde 1559 a célula política do que se chamava Alto Peru. Diferindo de La Paz, vivendo em função do ouro de Lima, Sucre a sombra das minas de prata do Potosi entrava para a órbita do Vice Reinado do Prata.

Assim, La Paz e Sucre revelam o dualismo não só geopolítico como também fisiopolítico da Bolívia, numa área de transição - entre o Chile/Peru de um lado e entre a Argentina/Paraguai/Brasil do outro. Por sua posição cêntrica e população diluída, não suportou a gravitação de seus vizinhos; sem fronteiras naturais, regrediu em pouco mais da metade de sua área perdendo ou cedendo territórios.

Contrastando frontalmente com a Bolívia por sua unidade geográfica, coesão psicossocial e forte centralização política, destaca-se o Paraguai. O fator dessa unidade reside no baixo relevo da planície do Chaco, entrecortada por rios conferindo-lhe a característica de “mesopotâmia da América do Sul”.

A disposição das linhas fluviais transforma o Paraguai, embora país interiorizado, num núcleo que se aproxima do mar. Confirmando a tese de Ratzel de que: “o rio em territórios planos e em países meridionais é a força de atração entre os distintos povos ribeirinhos”. Para Ratzel as diferenças nacionais numa mesma bacia hidrográfica se imprimem correlativamente, por três setores de seu curso - inferior, médio e superior. Justificando-se a vida própria assegurada a Argentina/Uruguai no curso inferior ou foz do Prata. Enquanto os territórios no caso superior são mais isolados; sendo o caso da Bolívia tanto na Bacia Platina quanto na Amazônica. Já o Paraguai no curso médio da Bacia do Prata servindo como traço de união entre a jusante e a nascente, transformou-se na zona de passagem, passando a sofrer incontestável ação do Atlântico. Por isso, complementando a ação geoviária de Buenos Aires com relação ao Paraguai, o Brasil mantém Corredores de Exportação. Tanto o Corredor de Paranaguá como o de Santos fluem para Mato Grosso do Sul transformado no centro geoeconômico para elo de união e atração com o Paraguai e Bolívia. No entanto, pelo posicionamento de Assunção, comandando o ecúmeno estatal, o Paraguai é bem mais caracterizadamente atlântico que a Bolívia.

#### **5.4. Região Atlântica**

O caso específico do Uruguai envolve algumas exceções geopolíticas. Contradiz, por exemplo, a tese de Ratzel de que, sendo país na foz do Prata, banhado por litoral atlântico próprio, poderia viver bem mais independentemente do que vive. É que, não sendo Estado-Faixa-Fluvial como o Paraguai, a interdependência do Uruguai se condicionou ao dualismo geohistórico que lhe trouxe como herança o fenômeno da instabilidade geopolítica.

Ante o secessionismo platino no momento da emancipação política, o governo português reconheceu, de imediato, a independência do Paraguai (1811), como sempre, interessado na foz do Prata, invadiu o Uruguai (1816) que ficou como Província da Cisplatina associada ao Brasil até 1828.

Independente, a despeito da dupla colonização, o Uruguai não chegou a se transformar num país bilingüe, muito embora se caracterize como Estado-Tampão, em zona de influência luso-hispânica. Característica observada ao se tomar o Rio Negro como divisória geopolítica e a vinculação às últimas ramificações do planalto meridional brasileiro e dos Pampas argentinos. Assim, o Uruguai, o menor

país sul-americano, posicionado entre o Brasil/Argentina, os dois maiores, tem com os dois, um proceder tanto do ponto de vista geopolítico quanto geoeconômico de intensa convivência.

Dentro da estratégia do governo português em ocupar a foz dos grandes rios, como ponto de apoio para a conquista do hinterland, o núcleo geohistórico da Argentina, no estuário do Prata foi incorporado em 1530 ao Reinado de Portugal. Ficando, no entanto despovoado, cairia, seis anos depois nas mãos dos espanhóis que aí fundavam Buenos Aires pela primeira vez. O estabelecimento português na outra margem do Prata, na Colônia do Sacramento (1680) transformaria a área numa zona de fricção, onde o fenômeno de fronteiras vivas<sup>2</sup> foi constante até o século XIX.

A implantação dessa zona de fricção contribuía para o estabelecimento das seguintes diretrizes geopolíticas:

- enquanto os portugueses mudavam a capital do Estado do Brasil para a cidade do Rio de Janeiro (1763) por se encontrar esta mais próxima da zona de contenda que Salvador, os espanhóis criavam o Vice Reino do Prata para melhor defender a região;
- enquanto os espanhóis ocupavam os campos interiorizados do Uruguai para manter os portugueses ilhados na Colônia do Sacramento, o Governo de Lisboa iniciava a colonização do Rio Grande de S. Pedro (1740) para deter o avanço hispânico;
- no confronto, impunha-se a primeira Argentina denominada pelo centripetismo de Buenos Aires. Centripetismo que promoveu a formação do espaço territorial argentino e provocou o esfacelamento do Vice-Reinado do Prata. Isto porque contra esse centripetismo iriam se sobrepor o cantonalismo paraguaio, boliviano e uruguaio que, no centrifugismo provocado pela descentralização administrativa das Audiências, quebraria a unidade do Vice Reinado do Prata no século XIX.

Em 1813, no Congresso de Tucumán se os portenhos tivessem acatado a idéia dos arribenhos e andinos para a interiorização da capital, talvez pudesse ter sido salva a unidade do Prata. A luta entre Charcas/Tucumán/Buenos Aires pela capitalidade do país que se formava já havia tido precedente histórico nos Estados Unidos onde Nova York/Filadélfia/Boston perseguiam o mesmo ideal. A capital artificial - Washington, que salvou a federação no norte, poderia ter conservado a união do Vice Reinado do Prata.

Justificando o centripetismo e rechaçando o federalismo de Artigas Juan Alvarez afirma: “o Rio da Prata é a artéria através da qual se comunicam com a Europa através vastas zonas do território brasileiro, boliviano e paraguaio, além das províncias argentinas de Corrientes, Entre Rios e Santa Fé. Sujeitar os produtos de imensa região ao porto único de Buenos-Aires - desprovido naquela época de diques e até de águas profundas - era empresa que só pela força poderia prosperar”. No entanto, ante as dificuldades de conciliar os interesses portenhos/arribenhos/andinos, declarava Justo J. de Urquiza em sua Mensagem ao Congresso de 1854: “Nossos distúrbios passados estão fundamentados sobre essa inoportuna disposição das populações; nossas futuras discórdias virão desta mesma causa”.

Face os fenômenos geopolíticos: da luta da Argentina contra o centrifugismo; do Uruguai como Estado-Tampão, do Paraguai como caracterizada mesopotâmia e da Bolívia como polo de atração, o Brasil, maior país, pelo fator presença, se constitui no múltiplo vetor da América do Sul.

---

<sup>2</sup> *Classificação que acata a tese de Backheuser quando afirma: "a fronteira-viva, em essência, é uma região de fricção, através da qual, mais dia menos dia, surgem ou se agravam conflitos internacionais, políticos, ou de ordem fiscal administrativa, ensejando demonstrações de força militar". Já Brunhes e Vallaux preferem o termo fronteira de tensão, considerando-a fronteira-morta quando livre de contendas por se haver chegado a um acordo.*

## 6. Presença do Brasil

Ocupando-se quase a metade do espaço territorial sul-americano - 47.3%, posiciona-se o Brasil na larga porção oriental do Atlântico Sul.

O nosso total de fronteiras (23.086km) se reparte entre os 15.719km de limites terrestres e 7.367km de litoral. No conjunto brasileiro 18% da extensão territorial são formados pela faixa de 250km que acompanha o litoral, 42% se encontram entre os 250km e 1.000km da orla litorânea, enquanto os restantes 40% estão além dos 1.000km. Tais porcentagens comprovam ser o Brasil país do tipo marítimo, associando-o ainda ao tipo continental pela presença no continente sul americano, caracterizando-o como múltiplo vetor.

Articula-se o Brasil, grosso modo, com os Andes, de onde recebe o empuxo das forças continentais, bem como com as duas grandes bacias fluviais tributárias do Atlântico e eixos viários de penetração no hinterland - a Amazônica e a Platina.

Enquanto o Planalto das Guianas busca o Atlântico, declinando em sua direção, o Golfão Amazônico, no sentido inverso, é porta natural de penetração para o hinterland da planície que encerra a maior rede hidrográfica do Mundo com 7.000.000km<sup>2</sup> se nela incluirmos a Bacia Tocantins/Araguaia. Cerca de 70% desse complexo fisiopolítico, compreendendo a mais vasta planície sedimentar do Globo se encontra em território brasileiro, envolvendo-nos nos restantes 30% com a Venezuela/Colômbia/ Equador/Peru/Bolívia e região guianense, caracterizando-nos como múltiplo vetor face nossos condôminos.

Zona caracterizadamente despovoada, formando em todos os países uma área geopolítica neutra, face a ingerências internacionais, por fatores geoestratégicos levariam o Brasil a firmar em 1980 com os demais países interessados, o Pacto Amazônico.

Por sua vez, o Planalto Central ou Brasileiro forma uma espécie de triângulo com base voltada para o norte, vértice apontando para o sul, declinando nas duas áreas bem como para o interior. Assim, uma das características desse planalto é a de se encontrar afastado dos setores litorâneos, os mais povoados, que integram o ecúmeno estatal brasileiro; caracterizando-se como área geopolítica neutra, levaria o governo a implantar a nova capital em Brasília, para melhor atenuar os desníveis.

No plano fisiopolítico, sua importância se prende a ser, esse planalto, o centro dispersor e divisor de águas de três importantes bacias hidrográficas - a do S. Francisco, genuinamente brasileira, enquanto a Amazônica e Platina se dividem entre várias nações. Assim, no contexto continental, o Planalto Central ou Brasileiro foi o núcleo interiorizado da unidade nacional (S. Francisco) e de alargamento territorial dos bandeirantes portugueses - pelo Prata, no sentido direcional sul e pelo Amazonas dentro da diretriz leste-oeste.

Em seu declive para o interior o planalto cede lugar ao Pantanal Mato-grossense, complementado pela região do Chaco; extensa área baixa, numa distância de 1.170km de norte para sul, desde a divisa do Mamoré até as paisagens pampeanas. Essa última paisagem logo notada, já que o vazio demográfico do Chaco/Pantanal contrasta com a ocupação pastoril dos Pampas.

Área geopolítica neutra, de fronteiras faixa despovoadas, o Chaco se transformou em zona de tensão que provocou Guerra entre o Paraguai e Bolívia, conflito só terminado em 1938 com o Governo de La Paz perdendo o setor Boreal para o Paraguai, quando desde 1888 havia perdido o setor Central para a Argentina.

A conexão geográfica do Brasil com seus vizinhos continua do Chaco para os Pampas. A região pampeana, numa extensão de 647.500km<sup>2</sup> forma um leque aberto para o interior a partir da foz do Prata, numa distância radial de 500 a 640km, atingindo território argentino, uruguaio e brasileiro, recebendo neste último o nome de zona da Campanha do Rio Grande do Sul.

É domínio de “*campos limpos*” de melhores pastagens que, na parte meridional do Planalto Brasileiro, se transformam em *floresta temperada*, de fácil exploração, contrastando com a selva equatorial amazônica, bem mais variada em espécie mas de difícil penetrabilidade. A planície pampeana difere da que lhe segue para o interior – o Chaco ou Pantanal Matogrossense onde já surgem os “*campos cerrados*” de gramíneas se alterando com tufos florestais, em geral *matas ciliares*; comparativamente, são as pradarias Ihaneras repetindo-se no hinterland da Bacia do Prata.

A partir do Brasil, Uruguai e províncias arribenhas argentinas (Corrientes, Misiones, Entre Rios) o plano uniforme dos Pampas ainda com vegetação herbácea se apresenta com a ondulação das *coxilhas*. É, no entanto, ao sul, que os Pampas se constituem na zona pecuarista mais produtiva do continente até serem interrompidos pelos primeiros degraus do *Planalto da Patagônia*, que enlaça o litoral alto do Pacífico com o baixo do Atlântico.

Da *Patagônia Alta*, desértica e fria, já não participa mais o Brasil como múltiplo vetor; mas é este o terminal da chamada *diagonal semi-árida* que, na massa continental sul-americana começa no litoral semi-árido do Nordeste Brasileiro, atravessando o nosso Centro-Oeste para penetrar no Chaco e contornar os Pampas.

Com um espaço imenso e diversificado, as nossas diretrizes geopolíticas devem-se ater ao princípio básico de que, como múltiplo vetor, para dominá-lo efetivamente, temos que nos dedicar a obra integracionista para absorvermos nossas áreas geopolíticas neutras. Com regionalismos, mas sem cantonalismos constituído por três ilhas geoeconômicas tem o Brasil que integrar seu hinterland sub-desenvolvido. Contamos para tal com o fenômeno da assimilação que caracterizou a colonização portuguesa, tornando o Brasil, no conjunto da América do Sul, o país mais mestiço. Vantagem destacada por Jacques Lambert: “se a América Andina é cada vez mais uma América Indígena e a América do Prata, cada vez mais uma América Européia, o Brasil constitui uma América Brasileira, de predominância européia acentuada, conquanto original”.

## 7. Conclusão

A vocação geopolítica da América do Sul, no Hemisfério marítimo onde se posiciona, é bem marcada por sua geografia. A região de planície forma uma espécie de semicírculo com duas pontas centradas nos estuários do Prata/Amazonas. Os Andes na retaguarda, o Planalto das Guianas ao norte e o da Patagônia ao sul emolduram esse semicírculo, enquanto o Planalto Central ou Brasileiro se impõe como plataforma giratória entre as duas portas de entrada no continente. Pela disposição tanto a Bacia do Orenoco e, sobretudo, a Platina e Amazônica se constituem em área de atuação geopolítica e geoeconômica dentro da esfera exclusiva do Atlântico. Vocação atlântica ainda não explorada pelo Altiplano Boliviano a despeito de se manter hidrograficamente nessa vertente oceânica, por ter, como o Brasil, seu território integrado nas Bacias Amazônica e Platina.

O Brasil com o Uruguai e Argentina, integrados na Região Natural Atlântica, se beneficiam do melhor posicionamento nesse oceano. Mas o Brasil, que alia o seu posicionamento à presença, é o único país do continente sul americano a contactar-se com as demais Regiões Naturais, como múltiplo vetor.

- Com a *Região do Caribe ou Marginal do Caribe* (Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname e Guiana Francesa) unindo as vertentes do Atlântico/Pacífico, mas se posicionando com o Canal do Panamá, no Atlântico Norte. Pelo fator colonização é a parte do continente sul-americano menos coesa com a presença da cultura hispânica, inglesa, holandesa e francesa. É na atualidade, a área mais vulnerável do continente, não só pela presença da vasta área geopolítica neutra da Amazônia mas, sobretudo, se levarmos em conta o estágio geopolítico dito “infantil” ainda de futuro incerto dos dois países e Departamento do Ultramar Francês.
- Com a *Região do Pacífico* (Equador, Peru e Chile), países apoiados no conjunto geográfico Andes/Pacífico. Dois fatores que contribuem para o maior isolamento desses países tanto no setor continental como para o resto do Mundo. Isolamento que só transcontinentais quer ferroviárias quer

rodoviárias poderão minorizar. Levando-se em conta o fator colonização há coesão na área tanto pelo elemento espanhol quanto pela presença do autóctone inca.

- Com a *Região Interior* (Bolívia e Paraguai) que na vivência de “países enclausurados” estão na contingência de seus vizinhos em busca de saídas marítimas.

Em 1977, o Brasil firmou o Acordo de Cochabamba com a Bolívia para estender os trilhos da ferrovia Santos/Santa Cruz de la Sierra até esta cidade que já se conecta com Arica no Chile. Trata-se do pólo de atração leste que leva vantagem com o polo de atração Sul para Buenos Aires. Isto porque Santos se encontra a 1.600km de costa acima de Buenos Aires; enquanto a distância Santos/Santa Cruz de la Sierra é mais curta em 700km que a desta cidade boliviana até a capital argentina. Lá o polo de atração norte será importante, porém a longo prazo; a via deverá valer-se do Madeira-Mamoré, captando o transporte pelo Rio Grande, francamente navegável a partir de Cuatro Ojos localizada a 200km ao norte de Santa Cruz de la Sierra. Observando-se, que só quando forem suficientemente fortes os meios necessários para que se procedam as conexões, os pólos de atração da Bolívia estarão naturalmente vinculados ao Atlântico, tal como já ocorre com o Paraguai.

Continente-ilha cercado por dois oceanos, sua marcante vocação geopolítica atlântica levaria os países (Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai) a iniciarem o processo de integração que redundaria no MERCOSUL. Com a filiação do Chile e Bolívia em 1996 envolve essa zona de livre comércio todo o Cone Sul enlaçando o Atlântico/Pacífico. Aderindo a Venezuela estará dando o grande passo para a integração sul-americana, desfazendo-se o fato de estarem os países de costas uns para os outros, com seus ecúmenos estatais distanciados.

A integração se faz via MERCOSUL que virou marca com logotipo para constar nos produtos e até passaporte dos cidadãos, mostrando que do setor econômico, passam os associados deste bloco à união cultural, que a identidade histórica irá cimentar.

Lembrando que o MERCOSUL representa hoje o 5º maior Produto Interno Bruto (PIB) mundial, o Presidente Fernando Henrique Cardoso abriu, em dezembro de 1996 a 11ª Reunião de Cúpula em Fortaleza, no Ceará, onde entre medidas de teor econômico tratou-se: de maior intercâmbio entre universitários, troca de voluntários para ações sociais, o envio de “capacetes brancos” para missões de paz, aumento de linhas aéreas que operam na região e a construção de uma sede em Montevidéo.

(Setembro de 1997)

(\*) *Professora e Adjunta da Divisão de Assuntos Internacionais*

## BIBLIOGRAFIA

- CASTRO, Therezinha de. “Nossa América: Geopolítica Comparada”. BIBLIEX. Rio: 1995.
- \_\_\_\_\_. América do Sul: Aspectos Fisiopolíticos em Confronto - A Defesa Nacional nº 696 - julho/agosto de 1981.
- \_\_\_\_\_. Vocação Atlântica da América do Sul. A Defesa Nacional nº 681 - janeiro/fevereiro de 1979.
- CORREIA, Natália. Somos todos Hispanos - Idéias e Figuras - Caderno O Jornal. Lisboa: 1996.
- MALAGRIDA, D. Carlos Badia. El Factor Geográfico en la Política Sulamericana. Madrid: 1919
- MARRERO, Levi. Viajemos por América. Havana: 1957.



**ANEXO 1**  
**AMÉRICA DO SUL**

<b>REGIÕES NATURAIS</b>			
<b>País</b>	<b>Capital</b>	<b>Área (km<sup>2</sup>)</b>	<b>População (1994)</b>
<b>CARIBE</b>			
Colômbia	Bogotá	1.141.749	34.000.000
Guiana	Georgetown	214.969	748.000
Guiana Francesa	Caiena	91.000	114.800
Suriname	Paramaribo	163.265	404.000
Venezuela	Caracas	912.050	20.600.000
<b>PACÍFICO</b>			
Chile	Santiago	756.626	13.800.000
Equador	Quito	272.000	11.300.000
Peru	Lima	1.285.261	22.900.000
<b>INTERIOR</b>			
Bolívia	La Paz e Sucre	1.098.581	7.700.000
Paraguai	Assunção	406.752	4.600.000
<b>ATLÂNTICO</b>			

Argentina	Buenos Aires	2.766.889	33.500.000
Brasil	Brasília	8.547.403	151.523.000
Uruguai	Montevideo	176.215	3.100.000

**FONTE: ALMANAQUE ABRIL (1995)**